

BC nega hipótese de moratória

Presidente cancela viagem e Governo descarta sugestão de Menem

● BRASÍLIA e RIO. O Banco Central reagiu às declarações do presidente argentino, Carlos Menem, que sugeriu um confisco da dívida interna, com uma nota oficial em que atacou as experiências de moratória "no Brasil ou em outro país". Embora sem citar nominalmente o presidente Menem, a diretoria do BC considerou que as sugestões no sentido de levar o Brasil a dar um calote em sua dívida interna contribuíam para "criar um ambiente de instabilidade na América Latina".

Assim que distribuiu a nota, a assessoria de imprensa também divulgou a cópia da entrevista que o presidente Menem concedeu ao jornal argentino "La Nación", na qual recomendou que o Brasil adotasse um plano semelhante ao plano Bonex, aplicado pelos argentinos em 1989. Na época, o Governo confiscou os depósitos a prazo superiores a mil dólares, emitindo bônus com vencimento em dez anos para os credores.

Segundo o BC, o prazo médio da dívida mobiliária do Governo Federal sal-

tou de 173 dias para 503 dias desde junho de 94 a novembro de 98. O comunicado ressalta que mesmo quando a dívida mobiliária tinha um prazo menor, o Brasil não teve problemas para honrá-la. "O Governo considera desastrosas as experiências de moratória, qualquer que tenha sido seu propósito, no Brasil ou em outro país", assinalou a nota.

FH evita responder a declarações do presidente argentino

Fernando Henrique Cardoso evitou contestar diretamente a declaração de Menem, que teria manifestado na véspera irritação com a reação do Brasil à proposta da Argentina de dolarizar a economia. Segundo jornais argentinos, Menem teria dito que gostaria que os brasileiros solucionassem seus problemas, que são graves, antes de criticarem um projeto argentino.

— Como o presidente não leu a declaração, não pode comentar — disse o porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amaral.

Devido à crise econômica, Fernando Henrique cancelou sua ida à Jamaica para participar da 19ª Reunião dos 15 Países em Desenvolvimento, o chamado Grupo G-15.

No exterior, várias autoridades fizeram ontem declarações de apoio ao Brasil. O secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, disse que o país está progredindo na aprovação das reformas, mas que ainda há muito a ser feito. O subsecretário do Tesouro, Lawrence Summers, declarou que o Brasil precisa de políticas macroeconómicas e estruturais fortes. Segundo informou o portavoz da Casa Branca Joe Lockhart, Clinton se reuniria ontem com seus assessores para analisar a crise brasileira.

No Fórum sobre a América Latina organizado pelo Banco Mundial, o presidente da instituição, James Wolfensohn, pediu calma ao mercados:

— Não há motivo de preocupação especial porque os problemas do Brasil estão sendo administrados com sabedoria por seu presidente. ■